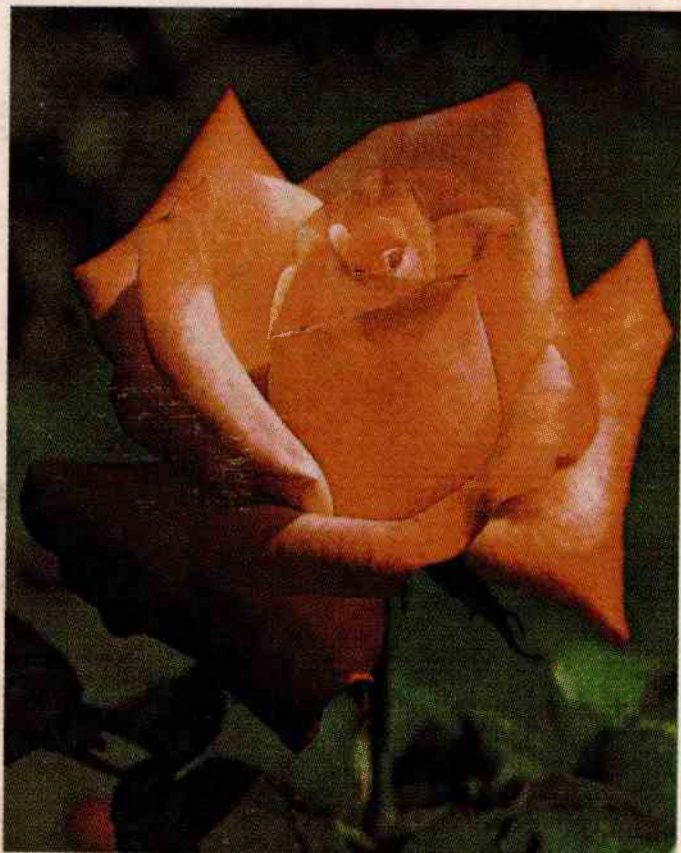
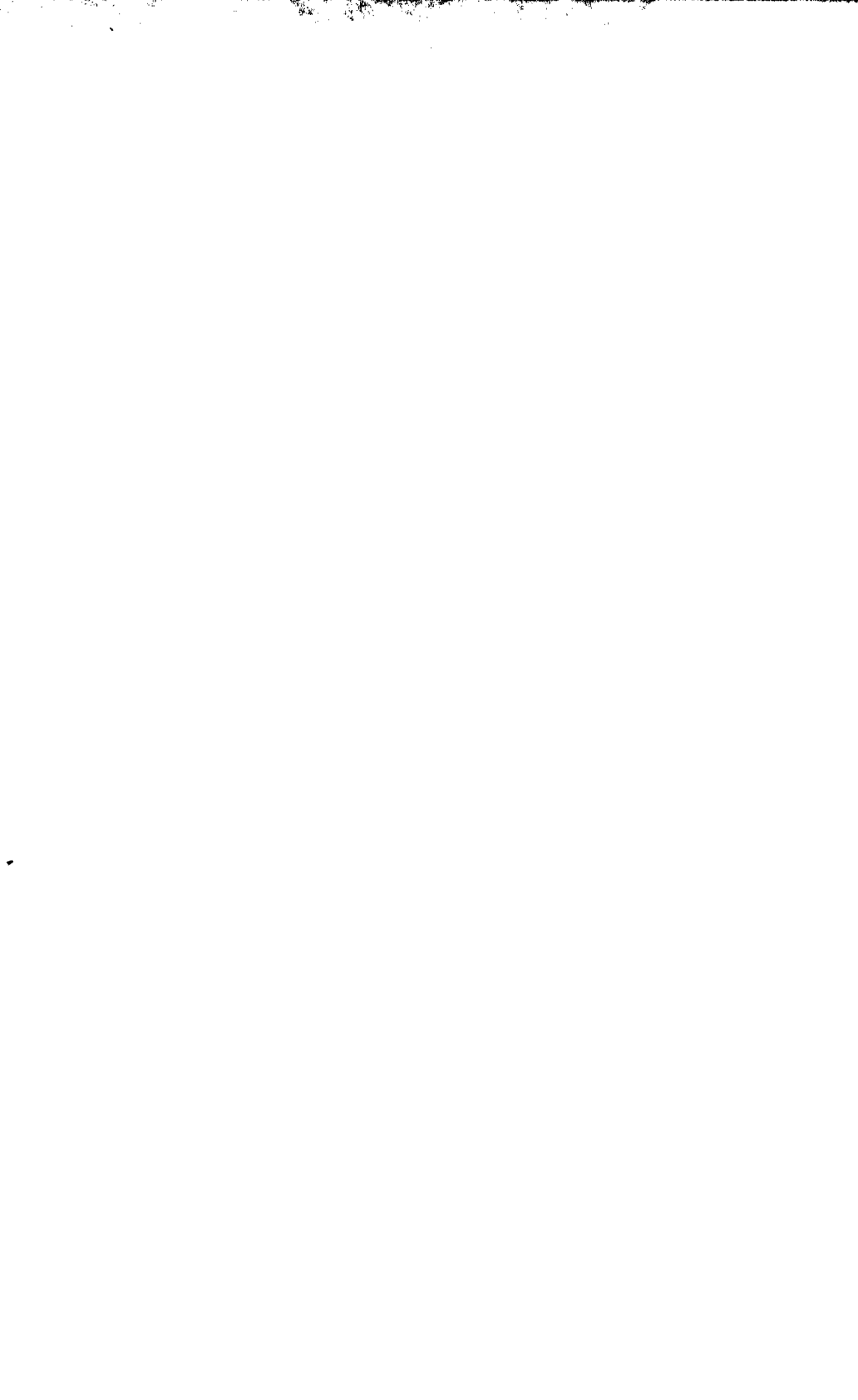


FRANCISCO CARVALHO



ROSA DOS MINUTOS

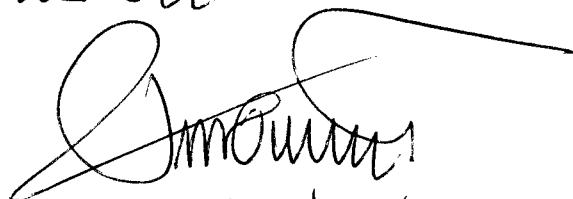






FRANCISCO CARVALHO

So prezado Nilton Ma-
ciel, por te no verso
e me ficção, com a ma-
ior estima do


24/05/86

ROSA DOS MINUTOS

ROSA DOS MINUTOS

Copyright © by Francisco Carvalho

Projeto gráfico: o autor

Projeto da capa: o autor

Revisão final: o autor

Tiragem: 200 exemplares

Editar Editora Associada

1996

*Todos os direitos reservados ao autor.
Vedada a reprodução de texto e projeto
gráfico, sob as penas da lei.*

ENDEREÇO DO AUTOR

Rua Cônsul Francisco Lorda, 260
Bairro de Fátima
60416-250. Fortaleza-Ceará

LIVROS DO AUTOR

Cristal da Memória/1955

Canção Atrás da Esfinge/1956

Do Girassol e da Nuvem/1960

O Tempo e os Amantes/1966

Dimensão das Coisas/1967

Memorial de Orfeu/1969

Os Mortos Azuis/1971

Pastoral dos Dias Maduros/1977

As Verdes Léguas/1979

Rosa dos Eventos/1982

Quadrante Solar (Prêmio Nestlé de Poesia)/1983

As Visões do Corpo/1984

Barca dos Sentidos/1989

Rosa Geométrica/1990

Exercícios de Literatura/1990

O Tecedor e sua Trama/1992

Crônica das Raízes/1992

Flauta de Barro/1993

Galope de Pégaso/1994

Sonata dos Punhais/1994

Artefatos de Areia/1995

Textos & Contextos/1995

*À minha mulher
aos meus filhos
aos meus netos*

*À memória de Caetano Ximenes
de Aragão e de Moreira Campos,
dois amigos que nos deixaram.*

DEDICO ESTE LIVRO A

Cecília Bossi
Caio Porfírio Carneiro
Domingos Carvalho da Silva
Ireleno Benevides
Artur Eduardo Benevides
Pedro Paulo de Sousa Montenegro
Iranildo Fernandes Sampaio
Linhares Filho
Hamilton Monteiro
Carlos Dalge
Pedro Henrique Saraiva Leão
Cicero Acaiaba
José Alcides Pinto
Luciano Maia
Virgílio Maia
Carlos Augusto Viana
Antônio Carlos Osório
Regine Limaverde
Marly Vasconcelos
Horácio Didimo
José Maria Dantas
Natércia Campos
Geraldo Fontenele
Jorge Tufic
Paschoal Mota
Marta Gonçalves
Yeda Pratis Bernes
Ymah Thérés
Yacilton Almeida
Lustosa da Costa

PRIMEIRA
PARTE

ANJO GRISALHO

Vi um anjo ancorado no pórtico
um anjo de cabelos grisalhos.
Parecia estar dormindo ou talvez
sonhasse com o paraíso perdido.

Não era um anjo constelado de glória
não pertencia  nobre hierarquia
da chama que circunda os arautos de Deus.

Mas era um anjo de cabelos grisalhos
um anjo sem espada e sem memória.
Um anjo de semblante medieval
trespassado por secreta fúria.

Não sei se meditava ou se dormia.
Quando o vento o feriu com seu punhal
pareceu-me que o anjo me sorria.

ALQUEIRES DE VENTO

Fui sócia de um anjo torto
achado insone ao relento.
Os versos que fiz não passam
de alqueires de vento.

Meus passos deixam na areia
rastros que não apascento.
Todas as coisas não passam
de alqueires de vento.

O tempo rói a memória
e as bordas do nosso invento.
O sonho e a glória não passam
de alqueires de vento.

As palavras são fantasmas
dos espantalhos que invento.
Nossas verdades não passam
de alqueires de vento.

A utopia é uma roda
que se move a passo lento.
A vida e a morte não passam
de alqueires de vento.

ELEGIA PARA SÉRGIO CAMPOS

I

Fôj-se o ouro
do existir.
Os dias são folhas
de um jardim de cinzas.

Agora reges
a sinfonia dos ventos.
Clave de sombras
os teus olhos de areia.

Agora brindas
a um deus imolado
pelas raízes.

Esvaiu-se o ouro
do existir
em pórticos de água.

II

Houve uma teia
de sílabas
em que se abismaram
as tuas mãos.

Houve um crepúsculo
de reminiscências
em tua face
submersa no rio.

Houve uma hora
em que os versos
arderam na penumbra.

Houve um minuto
em que o adeus
roçou teu ombro.

III.

O silêncio cresceu
erva daninha
cerrou as pálpebras
dos olhos da pedra.

Alba de lâminas
amputou tuas mãos
de onde brotaram
versos de sangue.

Um anjo te achou
ressuscitado
à sombra dos pórticos.

Um anjo brandiu
tua voz em chamas
no limiar de Deus.

IV

Urdias o destino
com palavras
de rosto emblemático
e secreto fulgor.

Tu desenhavas
ícones e pássaros
que ainda alçam vôo
sobre a lauda.

Urdias os dias
do homem, as suas
fomes e volúpias.

Urdias parábolas
e paradoxos.
A trama da síntese.

V

Teu verso fundou
um tempo de esperas
e espantos, antúrios
e parábolas.

Teu verso ainda pulsa
no sangue, ainda
é presságio de augúrio
no peito dos mortos.

Cavalo negro
entrou pela porta
e frestas do prodígio.

E te arrebatou
para as madrugadas
do Apocalipse.

VI

Cantas as traças
roendo as nuvens
os raios do sol
a lauda das horas.

As traças com seus
arquivos de pó
os seus olhos de vidro
fitando os avós.

As traças com suas
vestes de papel
fomes de centúrias.

Tu cantas as traças
como se fossem
rastros de ancestres.

VII

Dizes que o sapo
é o fagote de Mozart
o sapo tão feio
pedaço de abóbada.

O canto do sapo
palpita em teu verso.
Fogo do pântano
rosa perplexa.

O sapo é o homem
com sua facúndia
na boca, messe

de vento e adeuses.
O sapo é o sábio
que se celebra.

VIII

O bicho narciso
mora no homem
sem que se veja
o rosto no espelho.

Tu dizes que o peixe
está fora do eixo.
Sabes que somos
peixes efêmeros

que se deixam físgar
pelo anzol do amor.
Peixes em pânico

num rio de vozes.
Peixes de lágrimas
em tempo de vésperas.

IX

Somos a tartaruga
na sua toca
o silêncio brotando
de sua boca.

O corpo é nossa casa
bicho que se cria
com suor e lágrima
solidão e morte.

Ordenhas palavras
de tetas bovinas
e delas extrais

o sumo inconsútil
da arte poética.
Mágica e dialética.

X

O ouro do existir
é a lanterna mágica
que bruxuleia
à sombra da arte.

Poeta, é chegado
o tempo de fiar
o linho do enigma
com as mãos da súplica.

É chegada a hora
de regar espantos
orquídias de papel.

Hora de desfolhar
as rosas do sono
sob tuas pálpebras.

XI

Houve um tempo
de chuvas ácidas
em que previste
luas e milagres.

Sumiram os dias
da infância azul
secaram as fontes
de pedra e exílio.

Tua voz agora
pastoreia abismos
serenatas e adeuses.

Vejo-te em Marte
falando com Deus
à sombra da arte.

XII

À sombra da arte
somos arautos
o tempo desenha
os nossos atos.

Navegas, poeta,
numa nau de signos
roçando o vértice
da noite orbital.

Cavalgas o dorso
em chamas de Cassiopéia.
Vais de regresso

ao poço das verdes
águas, ao tempo oculto
no ventre da baleia.

XIII

Foi-se o ouro
do existir
foi-se o diálogo
do vento e da rosa.

Foi-se a reminiscência
da rota dos pássaros
foi-se a promessa
de tantas espigas.

Foi-se o poema
com tantas rupturas
e adeuses no lenho.

Foi-se o caminho
da fonte suspensa
em pórticos de água.

XIV

Foste ao encontro
do anjo decaído
sob as sete arcadas
do espaço bélico.

Passaste defronte
dos arcos voltaicos
bebeste do vinho
na ceia dos áugures.

Tuas mãos de peixe
tangem alaúdes
de arcanjos bêbados.

Haveremos de achar-te
pastor de espantos
à sombra da arte.

SONETO DA PURA SIMETRIA

Vida e morte são pura simetria.
Um corvo apaga a lâmpada dos velhos.
O mistério do tempo nos recria
na trama sigilosa dos espelhos.

Não basta arder à chama da utopia
nem escutar dos deuses os conselhos.
O império da esfinge principia
quando o avatar do amor dobra os joelhos.

O coração dos homens é de cera.
Cera que de repente se evapora
como as velas de negros castiçais.

O vento apaga a chama derradeira.
O sol ficará negro nessa hora.
Tudo que se transforma se desfaz.

PÓRTICO DE CINZAS

A Floriano Martins

I

Somos náufragos do júbilo. Ancoramos
no amor ou num pórtico de cinzas.
Mas o amor nos afaga ou nos golpeia.
Somos caudatários do mito. Tudo
o que amamos com fervor, tudo o que tocamos
apodrece num cemitério de escorpiões.
Nem os frutos da estação morrem tão cedo.
Os nossos passos cavalgam por estranhos
caminhos, onde as árvores são vestígios
de esqueletos fenícios. Como resistir
à cólera dos deuses, se as nossas mãos
estão sujas de sangue? se profanaram
as orquídeas da volúpia? se partilharam
da ceia dos abutres e dos chacais?

II

Que sabemos de nossos pais e de suas
lavouras de areia? Que sabemos da infância
soterrada num país de borboletas?
Que sabemos do ícubo e do súcubo?
do vento e de sua foz, ou da montanha
acorrentada à nascente dos arroios?
Que sabemos da salamandra e da fúria
dos deuses e dos homens? Que sabemos
das emboscadas e das insídias do amor?
dos pórticos do êxtase? do desabrochar
das flores do sarcasmo? dos olhos
de absinto que nos espreitam com suas
retinas de areia? Que sabemos do índigo
do firmamento e da fogucira dos espelhos?

III

Nossos corpos são folhas de uma árvore
onde se deitam abutres e relâmpagos.
Folhas que tombam e mergulham num pântano
onde os peixes do abismo as dilaceram.
Nossos corpos são signos da sedução
e do pecado. Descendem da estirpe de Caim
ou de algum anjo expulso do paraíso.
Somos os convidados à ceia da fúria.
O vento apaga os nossos passos, semelhante
às fogueiras que devoram lascas de cedro.
Os nossos corpos recendem às vestes
dos reis levados pela barca da morte.
Os deuses nos afligem com as suas flechas
douradas e o tridente do seu sarcasmo.

IV

Nem o mais leve rumor de tua sombra
será ouvido na cidadela dos deuses.
Ninguém escutará o som de tua queda
quando as velozes carruagens passarem
com seus penachos cor de sangue. Ninguém
perguntará se morreste de fome ou
de estupor. Ou se foste arrebatado por
algum vento vindo do inferno. Ou se foste
assassinado à sombra de algum pórtico.
Ninguém saberá notícias tuas.
Nenhum telegrama anunciará o adeus.
Os lobos mastigarão as entranhas da noite
com seus caninos envenenados de ópio.
Mas não se ouvirá o rumor de tua sombra.

V

Quem nos guiará pelas águas revoltas
do abismo sem vértebras? Quem levará
o rebanho das Valquírias para o redil
dos deuses? Quem ungirá as nossas vestes
manchadas de luxúria? Quem nos dirá
as palavras do cântico? a parábola
de fogo do Apocalipse? Quem afastará
de nós o odor do pecado e da morte?
Quem nos tomará pelas mãos quando tivermos
os olhos vazados pelos raios de Deus?
Quem nos mostrará as sombras dos ressuscitados?
Quem nos abrirá as portas do prodígio,
que vento algum derrubará? Quem
nos entregará o signo e a chave do reino?

VI

O vento abalou os alicerces de tua
morada. Derrubou a porta fortificada
e todos os vigamentos de cedro. O refúgio
do gado e das ovelhas. Fez em pedaços
o rochedo onde brotam os mananciais.
As águas da fonte secaram, mas os teus
olhos saciarão a sede dos cabritos
paridos antes da aurora. O vento partiu
o caule das árvores vetustas, expulsou as águas
dos rios. Despedaçou os tombadilhos
dos navios e os barcos ancorados na angra.
O vento rasgou nossas vestes de areia
e apagou todos os signos da nudez.
Só não apagou as reminiscências da morte.

VII

O crepúsculo chega a passos lentos
como um velho mendigo que perdeu
a bengala e a memória. As árvores parecem
deuses sonolentos que beberam todo
o vinho de suas taças. Pássaros repentinos
devaneiam nos fios da rede elétrica.
O vento começa a tocar um adágio de Mozart
enquanto as ruas se enchem de passos
apressados, que respiram o pólen
do ar e da morte. As torres das igrejas
começam a repicar gorjeios de andorinhas.
O azul dispara flechas de ouro e prata
numa ovação de raios e de chamas.
Chega a noite com seu séquito de gnomos.

VIII

Hoje faz sol nos labirintos da alma.
Vou beber uma taça de júbilo em memória
dos deuses. A vida é uma nau sem rumo
que soçobra nas águas do Letes. Uma nau
de velas agitadas pelos relâmpagos.
Hoje faz sol em todos os mastros do dia
e é preciso beber uma taça de vinho
e brindar aos deuses. Flutua uma leveza
de pássaros no ar constelado de emblemas.
Um bêbado desenha passos sinuosos
na avenida. Moças de coxas esculpidas
ofertam aos que passam os pêssegos de Eros.
Hoje faz sol e o vento de abril fustiga
os velozes cavalos da carruagem do auriga.

IX

Existe um bar na esquina mais próxima da rua onde moro, com o nome desenhado em letras vermelhas. Nunca estive lá mas adivinho todos os movimentos do garçom que rodopia entre as mesas de pinho com seu avental amarelo, onde se destacam as vogais da coca-cola. Será que ele tem alguma namorada, acredita em Deus e nas pessoas, nas promessas da cartomante na falácia dos políticos e nas utopias dos horóscopos? Que saberá ele da vida e da morte? Talvez sonhe com uma sólida casa à beira-mar, visitada pelo rumor das ondas e pela inconstância do amor.

X

A tua indignação é o teu punhal
cravado nas entranhas e na arrogância
dos crápulas. É a tua foice de gume afiado
na pedra do vento e na fúria dos relâmpagos.
É teu bastão e tua espada, teu cântico
e tua lâmpada acesa à porta da mansarda.
É a viga de cedro que sustenta a cumeeira
do sonho. A rocha de onde jorra a água
que dessedenta os rebanhos do mito.
É o gume do arado e o pólen da ceifa.
A tua indignação é a bússola das naus
o estandarte desfraldado pelos ventos
dos séculos. O verso erguido em canto órfico.
O fanal suspenso das arcadas do pórtico.

PONTO DE VISTA

Há quem prefira os versos objetivos
os que aplaudem os versos românticos
os que se enamoram de versos obscuros
e os que detestam versos de qualquer maneira.

Os bons versos falam de todas as coisas
ou não falam de coisa alguma.
As árvores foram feitas para os passarinhos
e não para enfeitar os nossos madrigais.

A vida é uma arquitetura de sensações
de frêmitos, de suor, de utopias e de lágrimas.
Verso algum vale o odor dos seios
da amada ou o favo de mel de sua nuca.

O louro sol dos deuses e das vinhas
continua a brilhar na sua órbita
indiferente às nossas utopias
e aos versos que apodrecem nas gavetas.

NAVIOS AZUIS

Não consigo pensar em nada
tudo me parece sem nexo
estou vazio de idéias e de mim.

Pensar não passa de um vício estúpido
como fumar cigarro ou cachimbo.
Importante é mastigar os gomos de todos
os frutos da árvore do pecado.

Os pensadores envelhecem rapidamente
viram espantalhos de papel
em meio à poeira essencial dos arquivos.

Suas almas acabam devoradas pelas traças
num banquete de palavras e algarismos.
Séculos de idéias dormem nas gavetas dos museus.

Não consigo pensar em nada
minha cabeça rodopia no vazio
como um planeta fora de sua órbita.
Só me resta dormir e sonhar com navios azuis.

JARDINEIRO

Podar o verso e a metáfora
como se poda um arbusto

Podar os brotos do enigma
as samambaias do susto

Podar o signo e a palavra
as vinhas do devaneio

Podar as unhas do verbo
a espiga que doura o seio

Podar o instante que jorra
das fontes de nossa fala

Podar as relvas da amada
tudo o que a morte trescala

Podar as marcas de sangue
todas as frestas do olfato

Podar as barbas do morto
e as bordas do seu retrato

Podar os galhos do invento
nódoas de insônia e cristal.

Podar o canto dos galos
na madrugada orbital

Podar as cordas da harpa
as laudas do nosso engenho

Podar a ferida aberta
que jorra sangue do lenho.

ONDE ESTEVE O ESTEVES?

Onde é que esteve o Esteves?
Onde o Esteves estaria
senão fumando o destino
em frente à tabacaria?

Onde o Esteves estivesse
tresandava a nostalgia.
Estava o Esteves pensando
se não ficava ou se ia.

Se o Esteves não estava
seu fantasma é que estaria
queimando seu rico incenso
à nossa pobre utopia.

Quando o Esteves lá esteve
era o cigarro que ardia
para o enterro que passava
em frente à tabacaria.

Estivesse onde estivesse

o Esteves não estaria
fitando o Tejo e essas naus
dos tempos da fidalguia?

Se Esteves lá não esteve
onde de fato estaria?
Bebendo vinho do Porto
nas tascas da Mouraria.

GRANDEZA

Grande não é a morte
nem a sombra que ela faz.
Grandes são as árvores
que se debruçam nos séculos
e celebram as núpcias de Deus.

Grande não é o homem
nem o mito que o semeia.
Grande é o celeiro do mar
que esconde no seu ventre
os sedutores olhos do abismo.

Grande não é a noite.
Grande é a mão de Deus
que subjuga os relâmpagos
e guia os passos do homem
pelas sendas da morte.

Grandes não são as torres
das cidadelas dos reis.
Grandes não são os déspotas.
São as asas da águia
e os pórticos do seu vôo.

Grande não é o vento
que dobra o caule dos cedros
e cavalga os maremotos.
Grande é o hálito do amor
que ressuscita os mortos.

GRAVURA NORDESTINA

A Eduardo Campos

Este sol é um deus feroz
que dardeja e que incendeia
os esqueletos dos bois.

As redondas oiticas
são carpideiras de luto
chorando a morte dos brutos.

Em vôos rasantes, ao léu,
os urubus mais parecem
anjos expulsos do céu.

Gaviões roçam de esguelha
as asas martirizadas
nas costelas das ovelhas.

Cigarra, ali, devaneia.
Morre de tanto cantar
em sua concha de areia.

Uma rajada de vento
sacode os gonzos das portas
como se fosse um lamento.

Os leitos secos dos rios
são tumbas de faraós
ou de monarcas fenícios.

Quando o sol chega no vértice
os mandacarus acendem
os seus fanais de quermesse.

Os bichos magros cochilam
à sombra dos juazeiros
à espera de alguma brisa.

O canto da juriti
trespassa as almas dos homens
com seu punhal de vizir.

O balido das ovelhas
assusta as aves e os ninhos
que elas fizeram nas telhas.

Entre esquivâncias e astúcias
jumenta se entrega ao macho
que entorna o vinho das núpcias.

Ao mugido de uma rês
percorre toda a paisagem
um clamor de viuvez.

Nas varandas das fazendas
as redes brancas desenham
corpos que são oferendas.

Ninguém que ouse ou que vá
toldar os sonhos de linho
das moças no copiá.

ROSA DOS MINUTOS

Nunca se sabe o que acontece
quando acendemos o pavio
de areia dos nossos sentidos.

Nunca se vê o sol do albatroz
fustigar com os seus raios
o avatar que mora nas montanhas.

Nunca se ouve o que os anjos
dizem às noivas das esferas
quando as seduzem com suas flautas.

Nunca se guarda o derradeiro
gesto do vento que desfolha
a rosa acordada dos minutos.

Nunca se morre de uma vez.
Sempre resta um pouco de chama
entre as vértebras do naufrágio.

CUPIM

Bicho submerso
na dor do lenho
faz e refaz
o seu desenho.

Nenhum rumor
na noite morta
enquanto digere
os ossos da porta.

O tempo avança
o bicho recria
seu mundo com
feroz simetria.

Seus labirintos
de areia e fezes
rios que jorram
das veias dos deuses.

O bicho escreve
sonata espúria
com a tinta negra
da própria fúria.

LAGARTA

A lagarta
nunca
se farta.

Cumpra sua arte
com o fervor
dos heróis de Esparta.

Nunca se aparta
do seu ofício
de devorar-te.

MUSEU

Sombras resvalam
na penumbra
e na lombada dos tomos.

Odor de séculos
de memória
jorra de dentro das gavetas.

O passado constela-se
de asas e zumbidos.

Traças tricoteiam o olfato
no linho do anonimato.

As gravuras dos livros
são vestígios de exílios.

II

No bosque dos arquivos
tudo é poeira de vestígios.

O ouro das lombadas
desfez-se em escaras.

A fileira dos tomos
uma assembléia de gnomos.

Nas paredes os retratos
dialogam com os ratos.

Sombras de um tempo extinto
chegam do império quinto.

O silêncio ara o seu horto
de cinzas. O passado está morto.

CORUJA

Vê o que ninguém sabe
enxerga o vento
com seu olho sábio.

O seu olho astuto
vê a sombra do morto
vestida de luto.

Vê o gume de foice
da lua cortar
o ventre da noite.

As vértebras da brisa
com seu olho cínico
pousado na cornija.

Ela nunca falha.
Vê o anjo sem rosto
Costurando a mortalha.

O seu olho de fel
vê quando a morte chega
em seu negro corcel.

SERPENTE

Às vezes desliza
serpente de água
no dorso da brisa.

Corpo luzídio
inprime no vento
o emblema do cio.

A sombra do ofídio
passeia nas trevas
sem deixar vestígio.

Entre galhos e espinhos
ao sol relampejam
seus olhos adivinhos.

Medusa sem cabelos
desenha o seu bailado
no húmus dos espelhos.

Noite alta, singra
as veredas do luar
com a sua ginga.

ESPANTALHO

Às vezes deliro
quando me abraço
às espigas de milho.

Descendo da estirpe
dos gnomos. Sou
a sombra dum deus egípcio.

Nunca estou em paz.
A cada instante recebo
a vaia dos pardais.

Minha gravata de listras
vermelhas mais parece
uma lavoura de tripas.

O meu chapéu de palha
foi comido pelo vento.
A roupa virou mortalha.

Já não sei o quanto valho.
Os deuses não me protegem.
Triste vida a do espantalho.

II

Venho de luas antigas.
Meu ofício é guardar
o ouro das espigas.

Às vezes assusto os pássaros
com minha cara feia
de palhaço de aldeia.

Passo o tempo todo
de braços abertos. O vento
ri de mim a seu modo.

A luz do sol me doura.
Às vezes penso que sou
o dono da lavoura.

Sei que tenho certa fama.
Mas de que me serve a glória
se espantalho não ama?

ÚLTIMA CEIA

Escuta o pulsar longínquo
das alturas. Escuta o silêncio
dos pórticos e o balir do sangue
nas artérias. Escuta o ruflar

das asas do insólito. Escuta
as reminiscências das palavras.
O mistério que jorra dos espelhos
seduzidos pelo odor da nudez.

Escuta o esvoaçar dos assombros
sob as arcarias do crepúsculo.
Escuta o diálogo da pedra
com as raízes da fala e do sangue.

Escuta os balidos do amor
que se espalham nas relvas da pele.
Escuta a solidão dos que chegaram
sós, com sua pobreza e sua lágrima.

Escuta o rumor do vento e da chuva
o odor da terra, a infância dos avós.
Escuta a parábola dos rios
que nos levam para a última ceia.

OS QUE VÃO PARA O CAIS

Os que vão para o cais
não sabem se partem ou se ficam.
Levam reminiscências e suspiros
nas malas cheias de adeuses.
Os que vão para o cais não voltam mais.

O navio singra as relvas do mar
com seu ventre escamoso de baleia.
Vai para Estambul ou para Xangai
para Londres ou Liverpool.
Os que vão para o cais não voltam mais.

Os que vão para o cais nos estendem
as mãos, os seus olhos repletos de súplicas.
Desenham palavras com a boca
mas as palavras e vogais se evaporam
entre as chamas e as volúpias do mar.

Os que vão para o cais estão sós
com a marca da solidão no corpo
na voz, nas vestes, nos estertores do vômito.
Amanhã se ouvirá o clamor dos jornais.
Os que vão para o cais não voltam mais.

MEMORIAL

Sou o sangue que jorra nas veias do tempo
a sombra do pórtico onde o mendigo
sonha com o ouro falso das estrelas.

Sou o que arrasta o cadáver do sonho
pela sarjeta das palavras.
O que atira a metáfora aos cachorros.

Sou o pássaro que edificou seu ninho
no último galho da árvore
onde pousam abutres e relâmpagos.

Sou o que vai ao encontro da aurora
e da negra correnteza dos homens
que trocam as almas por migalhas sórdidas.

Sou o que vai ao enterro dos pósteros
o que confunde o jogo das palavras
o que escreve versos obscenos na areia.

Sou a flecha que não acerta o alvo
a estrela que brilha no fundo do charco
a memória do afogado no pântano.

Sou o que vai a pesseio e não volta
o que zomba da nudez das estátuas
o que atira a metáfora aos cachorros.

ARANHA

A aranha tece uma teia
de insetos coloridos.
Enquanto os minutos voam
ela os transforma em vidros.

A aranha tece uma estrela
dentro dos raios do sol
qual se tecesse uma flor
em memória dos avós.

A aranha tece uma rosa
em cada pluma do vôo
dos pássaros naufragados.
E tece a morte onde estou.

A aranha tece um poema
em cada pauta da teia.
Tece cambraias de insídia
para um noivado de espelhos.

A aranha tece um desenho
na malha feita de linho.
Jorra sangue o tempo todo
mas não bebo desse vinho.

ANJO

Ó ser de luz
que nos inflama.
Tu não és corpo
és uma chama.

És uma artéria
que se derrama
no lado esquerdo
de quem te ama.

Feliz daquele
que te proclama.
Tu não és nuvem
és uma chama.

Não és a onda
dos raios gama.
Tu és a espada
que sai da chama.

Não és o peixe
que muda a escama.
Tu és o centro
ígnico da chama.

Tu és o arauto
que leva a chama
pro lado esquerdo
de quem te ama.

PAÍS DOS ANTÚRIOS

A melancolia desta tarde de inverno
me deixa aturdido, como se eu tivesse
provado de algum vinho espúrio.

As árvores da alameda estão tristes
como esse duende que mora em minha alma.
Mas as árvores são contemporâneas dos deuses.

O meditar na vida me consome
as energias e me dilacera o espírito.
A vida, essa nau que um dia ancora no adeus.

Se eu pudesse acabaria de uma vez
com a melancolia desta tarde
de chuva e memória escorrendo dos beirais.

Se eu pudesse não estaria aqui
sucumbindo à inércia e à morfina
desta tarde e deste céu constelado de ópio.

Se eu pudesse iria ao encontro do amor
em alguma esquina do universo onde
todos os lábios falassem o mesmo idioma.

Se eu pudesse começaria tudo de novo.
Quebraria o meu relógio de areia
e partiria de regresso ao país dos antúrios.

HERDEIROS DOS DEUSES

Só conheço os que atingiram as mais altas
gradações da glória e do poder
os que se embriagaram do vinho da luxúria
os que nunca levaram um soco no nariz
os que abriram os olhos em berço de ouro
os que foram contemporâneos de heróis
os que dormiram com princesas e condessas
os que dialogaram com reis e filósofos
os que foram aplaudidos pela ovação das ruas
os que beberam do leite da loba romana
os que viram de perto os gansos do Capitólio
os que jamais pisaram em algo sórdido
os que não escorregaram na casca de banana
os que não foram cínicos nem ridículos
os que não vomitaram as iguarias do banquete
os que não exalaram o odor das axilas
os que não tiveram maus hábitos nem mau hálito
os que não trapacearam no jogo e na vida
os que não tiveram caxumba nem podagra
os que não sentiram o calafrio da impotência
os que nunca foram vaiados pelos pardais
os que nunca mentiram nem foram submissos
os que nunca tiveram pesadelos eróticos
os que foram campeões a vida inteira
os que não foram seduzidos pelas vulgívas.
Todas as pessoas com quem tenho falado
não são iguais a mim, de carne e osso.
São descendentes da argila dourada dos deuses.

PETIÇÃO

Não te peço a rocha que se gasta
nem mesmo as migalhas das formigas.
O fulgor do sarcasmo me basta.

Não te peço ouro nem prata.
O impulso que governa a carruagem
de fogo dos deuses me basta.

Não te peço a lã dos rebanhos
que pastam nas encostas da escarpa.
O rumor das artérias me basta.

Não te peço a argila da mansarda
visitada pelos raios da lua.
O fanal dos sentidos me basta.

Não te peço a amada do tetrarca
nem seu bracelete de serpentes.
O bailado do trapézio me basta.

Não te peço as cem léguas da comarca
nem as rosas de arame das cercas.
O jorro das parábolas me basta.

Não te peço as orquídias da vaca
nem seu leite de raios atômicos.
A lua das cisternas me basta.

COPO DE MORFINA

A vida é o vinho que alegra
a morte uma pantera negra.

A vida é uma valsa de Strauss
a morte o regresso ao caos.

A vida é um sol que sorrisse
a morte a sombra do eclipse.

A vida é o impulso do arco
a morte as vísceras do barco.

A vida é o jorro da origem
a morte o fel da vertigem.

A vida é a seiva da árvore
a morte a inércia do mármore.

A vida é um ramo de brotos
a morte a cinza dos olhos.

A vida é uma lâmina fina
a morte um copo de morfina.

ESTEVES

Não gostaria de ser o avarento
que come as rosas do enterro.
Gostaria de ser o mágico
que entorta grades de ferro.

Não gostaria de ser o fariseu
que faz de conta que reza.
O que vai ao banquete e devora
todas as iguarias da mesa.

Não gostaria de ser o que tange
os mortos para o seu redil.
Gostaria de ser o arquiteto
que desenhou o teu quadril.

Não gostaria de ser o insano
que semeia os ventos da discórdia.
Gostaria de ser o que divide
as migalhas da misericórdia.

Não gostaria de ser o homem
da Tabacaria. O Esteves.
Gostaria de ser o espantalho
do abominável homem das neves.

PEDRA FILOSOFAL

Pior que seja o invento
o deus do sol e do vento
te dará seu alento.

Pior que seja a mansarda
o manto da noite te guarda
do tiro da espingarda.

Pior que seja a batalha
sempre haverá um canalha
que gargalha feito gralha.

Pior que seja o problema
a chave do teorema
abre a porta do poema.

Pior que seja o teu mal
sempre resta um sinal
da pedra filosofal.

DOIDA VARRIDA

A vida com suas dores
a vida com seus odores
a vida com seus horrores
a vida com seus estertores.

A vida com seus vassalos
a vida com seus gargalos
a vida com seus regalos
a vida com seus intervalos.

A vida com seus aromas
a vida com suas redomas
a vida com seus sintomas
a vida com seus carcinomas.

A vida com seus aparatos
a vida com seus orfanatos
a vida com seus Pilatos
a vida com seus carrapatos.

A vida com seus quadrados
a vida com seus braços magros
a vida com seus descabros
a vida com seus candelabros.

Qualquer que seja a ferida
qualquer que seja a investida
qualquer que seja a tua vida
ama essa doida varrida.

POEMAS EM TOM MENOR

Às portas da alba
o sol é um touro
na arena ensangüentada.

Sonolentas estrelas
de volta ao redil.
Rebanho de ovelhas.

O cisne passeia
na lua. Sua sombra
no lago flutua.

O vento gorjeia
nas copas das árvores.
Ou são ninhos de pássaros?

A flauta dos arroios
toca um adágio
para os teus olhos.

Tu vais à cisterna.
Mas a água que trazes
dos teus olhos lilases.

As pombas esvoaçam
carregando as tardes
para a montanha.

O sino toca o Ângelus.
Ao vento os deuses soltam
seus dourados cabelos.

Desce a noite antiga.
O rumor da carruagem
dos cavalos do auriga.

A moça anda devagar.
Suas ancas são dobras
das ondas do mar.

O sol crava o seu punhal
de ouro nas feridas
do Cristo da catedral.

A manhã é uma noiva
que anda a colher rosas
para a sua coifa.

Cavalga o teu destino.
Amanhã já não serás
o velho que foi menino.

Os rios vão para a foz.
Os homens vão desaguar
nas barbas de seus avós.

A solidão não se mede
pelas bocas que não falam
dos retratos na parede.

O sonho é alguma lavoura
que produz essas espigas
do sarcasmo que nos doura.

Águeda, os deuses velhos
erguem brindes de absinto
aos pórticos dos teus joelhos.

Recolhe antúrios vermelhos
para a nudez das amadas
singrando a nau dos espelhos.

O vento volta às cabalas
os mortos chegam de outrora
seu rumor acorda as salas.

As chamas ardem às vezes
para que as cinzas dos homens
sirvam de mel para os deuses.

O firmamento ainda pulsa
mas os deuses já cavalgam
o dorso arcaico da Ursa.

INVENTÁRIO

Estou cansado de estéticas
cansado de metafísica.
Cansei-me de estar cansado
de tudo o que chega e parte
e também do que não fica.

Cansado estou de esperar
por um rosto na janela
da mansarda que sonhei.
Mas quem me chega e me abraça
é o vento no lugar dela.

Estou cansado de olhar
a mesma antiga paisagem.
Tudo o que vejo e o que sinto
são sombras que se evaporam
em pesadelos de absinto.

Vão para o inferno com todas
as filosofias. Os rios
são mais reais que os sentidos.
Nossas premissas são falsas.
Balouçam mais que os navios.

Queimem todos os retratos
da minha infância fugaz.
As memórias e lembranças
dos invernos, dos estios.
Menos o odor dos beirais.

MORADA DA POESIA

Onde fica tua morada, ó Poesia?

Será na romaria das luas que palpitam
na concha das noites? Será no ventre da baleia
que engoliu o profeta? Será no dorso

ensolarado dos garanhões ou na lascívia
das éguas? Será na lenta modulação
dos rios que desabam do vértice das montanhas?
Será na pulsação dos arroios que celebram

a diáspora dos homens e dos bichos?
Será nos adágios do vento ou no sussurro
dos eucálptos abraçados ao crepúsculo?
Será no gume dos punhais ou nas falésias

consteladas de gaiivotas? Será no refúgio
dos barcos acorrentados às âncoras da aurora?
Será no fulgor dos cachos das vinhas
ou no celeiro onde ardem as espigas da messe?

Será no balir das águas dos regatos
tangendo o seu rebanho de seixos para o mar?
Ou será na penugem dourada do delta
das moças ou no vinho adocicado de suas nuças?

Será nas retinas da águia, que incendeiam
as povoações do céu com seu magnetismo solar?
Ou será nas pálpebras abaixadas da amante
que espera pelo jorro das vertentes do amor?

Onde será tua morada de conchas, ó Poesia?
Será nas cabanas visitadas pelos vagalumes?
Ou nos pórticos esguios das cidadelas dos reis?
Será no mistério das arcadas dos conventos

ou no rumor das túnicas das monjas
roçando as nádegas dos anjos? Será no ranger
dos gonzos das portas, ou no calafrio
das salas desertas onde flutua a poeira

azulada dos mortos? Será no esconderijo das feras
que mastigam as entranhas da noite?
Ou no uivo dos lobos que dilaceram o silêncio
com os seus caninos sujos de sangue? Será

nas copas das árvores onde os abutres fazem
os seus ninhos com restos de gravetos
e de relâmpagos? Ou será nos raios da chuva
que semeiam na terra reminiscências de Deus?

DOIDA QUIMERA

Ó vida breve
ó vida efêmera
como eu te amo
doida quimera.

Ó vida trêfega
ó vida vária
tu és o ouro
da minha cárie.

Ó vida absurda
ó vida incerta
tu és o hímen
da porta aberta.

Ó vida espúria
ó vida mítica
quero espremer-te
qual fruta cítrica.

Ó vida insone
 ó vida eclética
 me dá teu corpo
 de fêmea aidética.

Ó vida, punhal
 que nos dilacera.
 Como eu te amo
 doida quimera.

POEMA DAS INDAGAÇÕES

O retrato na parede
com quem dialoga?
- Com o morto na cova.

A flauta dos arroios
o que é que ela faz?
- Brinda ao sol dos pardais.

O que é que os lobos fazem
quando à noite estão sós?
- Uivam à lua dos avós.

Por quem suspira a nudez
dos teus seios em flor?
- Pela vinda do amor.

Por que soluça a água
que ressuscita os brolhos?
- Pelo amor dos teus olhos.

Por quem os ventos repicam
na alameda dos ciprestes?
- Pelos que vão para o Letes.

VÃ FILOSOFIA

Não te afastes da senda dos avós
nem vás ao pote com tamanha sede.
Poucos indícios restarão de nós.
Talvez alguns retratos na parede.

Mas os retratos são fotografias
da decadência trágica das raças.
Ou serão consumidos pelos dias
ou serão devastados pelas traças.

O que pensa que sabe nada entende.
A ilusão mal começa logo acaba.
Nossa vida é uma chama que se acende
mas ao sopro da morte já se apaga.

Se o vento abala as catedrais de mármore
há-de roer teu corpo e nossa voz.
A dor te espreita à sombra duma árvore.
Sê reverente às barbas dos avós.

Não alongues demais as tuas pernas
nem pede ao vento o que não podes dar.
Ninguém decifra as dúvidas eternas.
Todas as águas correm para o mar.

SEGUNDA
PARTE

DESENHOS ERÓTICOS

I

Ó predileta dos deuses.
Teu canteiro de antúrios
recende à espuma do lêvedo
e às dinastias do mar.

Eros te fecundou
com as sementes do êxtase.
O orgíaco Dioniso
anda a ceifar os teus gomos.

Cuidas do teu bosque
de segredos, onde pastam
os rebanhos do mito.

Vais às orgias de Safo
e ainda colhes os pêssegos
e as orquídias do homem.

II

A música das vertentes
irriga o negro pomar
do teu ventre. Colméia
dos homens e dos deuses.

Trovadores dialogam
à sombra do pórtico
de tuas coxas. E desenham
esculturas no teu sexo.

És a curva da angra
onde a nau do amor
chega da infância e ancora.

Ó vulgívaga dos deuses.
Fere-me com teu punhal
até que desponte a aurora.

III

O rumor dos teus cabelos
lembra a árvore do Éden.
Todas as mitologias
dardejam no teu ventre

cercado de chamas castas.
És o cedro derrubado
na alba para arder
no holocausto dos deuses.

Tu és a predileta
do rei. A que foi ungida
para a ceia do monarca.

Meus desejos te perseguem
com um lobo que perdeu
o odor da ceia farta.

IV

Teu hímen é a porta
do mito. Umbral de relva
e musgo de um solar
de caçador de pérolas.

Teu corpo é uma ilha
povoada de serpentes de
cristal. Refúgio de barcos
e navios ancorados.

Teu corpo é uma âncora
acorrentada às marés
e ao canto das gaivotas.

Uma clareira encontrada
na montanha. O amanhecer
que pastava nas encostas.

V

De tua placenta de ouro
nasceram deuses e heróis
anjos com olhos de touro.

De tua placenta de argila
correm vertentes e arroios
que vão dourar as espigas.

De tua placenta de areia
brotam nuvens de gaivotas
que o olhar da águia incendeia.

De tua placenta de espuma
sai o fulgor de vertigem
dos olhos verdes do puma.

VI

Os meus sete sentidos
se espraíam no delta
de conchas do teu umbigo.

Tu passeias num jardim
de samambaias vertebradas
e assistes à cópula dos astros.

Dioniso te arrebatava
em sua carruagem de chamas
puxada por sete cavalos.

Nos teus olhos desabrocham
orquídeas de sangue. A madrugada
te cavalga e te incendeia.

VII

Tens a majestade das éguas
violadas pelos garanhões
que pastam as verdes léguas.

Teu dorso de sacerdotisa
tem ondulações de vaga
o odor dos ramos da brisa.

Foste achada sete vezes
vertendo sangue dos gomos
da árvore amada dos deuses.

Vens do oráculo de Delfos.
Trazes fogo do holocausto
pra cavalgada dos elfos.

IX

Vou à fonte em que te banhas.
Sou o fauno que incendeia
tuas douradas entranhas.

Sou o mágico que inventa
ardis para acordar o deus
que dorme em tua placenta.

Me perco em teus olhos negros
profundos como as cisternas
onde bebem deuses gregos.

És a escada do martírio
que me leva para o inferno
ou de volta ao paraíso.

X

Quero esculpir no papiro
as ravinas do teu corpo
teu perfil de nune assírio

Se te invoco alguma vez
é para entornar o cálice
do ópio de tua nudez.

Se te encontro nos espelhos
ardo às chamas que se erguem
do cedro dos teus joelhos.

Quero partir para o olvido
certo de haver-te encontrado
de me teres seduzido.

XI

Quero amar-te o corpo em chamas
com a volúpia de um touro
ó barca do rio Douro.

Quero ter-te o tempo todo
descendente de égua moura
regando a minha lavoura.

Quero ver-te à minha espera
à sombra dos eucaliptos
cavalgando o amor aos gritos.

Quero achar-te navegando
as águas do meu desejo
de volta às praias do Tejo.

XII

Busco-te, amada, nas clareiras da noite
para ceifar os teus gomos com a minha foice.

Mas não te adivinho em parte alguma
Nem no rastro do tigre nem nos olhos do puma.

Escuto os lobos mastigando as trevas
o rumor dos cavalos fecundando as éguas.

Escuto o marulhar das águas e dos seixos
as núpcias dos anzóis, as exéquias dos peixes.

Ouçó o vento ranger nas aldravas das portas
o gemido espectral das castanheiras mortas.

Só não escuto a música das escarpas
que um deus tocou nas cordas de tuas harpas.

SONETO DA ÉGUA MOURA

Ouço o clamor da tarde ensolarada.
Tarde longa e cruel, tarde votiva.
Fumo um cigarro, e a cinza espiralada
desenha alguma sombra pensativa.

Sei que existes, mas sei que te evaporas
em perfume de rosas e de antúrios.
Ouço o tropel dos ventos e das horas.
Teus vestidos são feitos de murmúrios.

Uma flecha de luz corta a vidraça.
O fantasma do augúrio me trespassa
e seu fulgor profético me doura.

Vejo-te arder nos raios da neblina.
Não és mulher. Tens corpo de menina
e o ventre esguio de uma égua moura.

AS AMORAS

Te vejo passar defronte à rua onde moro
mas a rua onde moro não te viu passar.
Os olhos da rua onde moro só namoram
as pessoas enfeitiçadas pelo luar.

Te vi passar defronte à casa onde não moro
mas a casa onde não moro fica a duzentas horas
da rua onde moro e do meu sonho de morar
perto da casa onde agora não me namoras.

Se eu pudesse morar na casa onde não moro
passaria o tempo todo a regar as tuas amoras.
A casa do meu sonho fica em alguma colina
onde pastam as ovelhas que não me pastoras.

Como eu gostaria que ninguém te visse passar
defronte à casa branca em que não moras.
Como eu gostaria de ser a flauta, meu amor,
que tange o teu olhar de volta ao redil das horas.

SÍLFIDE

Te vi passar na rua cinzenta onde moro
e fiquei pensando nos movimentos
de onda ondulada do teu corpo de sílfide.
Talvez alguém te ame com fervor.

Talvez escreva poemas de amor para cantar
tua beleza de coluna de pórtico grego.
O odor de flores do campo que se desprende
dos teus vestidos e de tua nudez.

Te vi passar como a brisa perfumada
que despetalasse um ramo de orquídias.
A tarde se iluminou quando passavas
defronte à rua cinzenta onde moro.

As pombas te festejaram com uma revoada
de asas brancas no céu estrelado
de murmúrios. Nalguma torre distante
um sino começou a tocar a hora do Ângelus.

Depois não te vi mais. Dobraste na esquina
de uma rua qualquer. Mas teu sortilégio
e tua fragrância trespassaram o meu coração
como um punhal de ponta envenenada.

RASCUNHO DE POEMA

Teu corpo é um violino
com todas as cordas
em vôo para o adágio.

Teu corpo é um violino
com todas as cordas
seduzidas pelo adágio.

Teu corpo é um violino
com todas as cordas
dilaceradas pelo adágio.

DEUS DE CEDRO

Toda a beleza se evapora em nada.
O amor é um deus de cedro
que acabou de arder na fogueira
dos sonhos. Memória de cinza profanada.

Não basta cultivar bustos e arbustos
nas grimpas deste sonho que desaba.
Porque o amor, como todos esses frutos
da estação, amadurece e acaba.

RETRATO DE MULHER

Vi a mulher cavalgando
o sol na ponte metálica.
Os cabelos da mulher
constelados pelas algas
qual serpentes mitológicas.
Vi a mulher mas não vi
o amor ardendo nas pálpebras.
Não vi o anzol da volúpia
nas ilhargas da mulher
nem no pórtico das coxas.
Vi a mulher cavalgando
um deus na ponte metálica.
Saberá essa mulher
da minha sede tantálica?

FEITIÇO

Se escuto a tua voz
é como se escutasse o mito.
O amor escreve dentro
de mim nova parábola.

Se te escuto ressuscito
igual àquele Lázaro
que abriu os olhos na tumba
sob o hálito de Cristo.

Se escuto a tua voz
é como se escutasse
o madrigal dos arroios.

Como se ouvisse uma flauta
sussurrando entre as folhas
algum adágio de Mozart.

ASAS DE EROS

As palavras jorram da boca
mas logo se evaporam no ar
como se fossem bolhas de ilusão.

Os poetas sabem que as palavras
são coisas aladas, mitologias
esculpidas pela infância e a memória.

A palavra é o vinho dos poetas
que a transformam em secreta chama
igual a uma ânfora de cristal.

A palavra pode ser uma lâmina
de gume sacrílego, látigo
de fogo, fulguração de punhal.

As palavras são asas de Eros
vogais do amor, flechas do vaticínio.
As palavras são vértebras de Deus.

DEUSA DE BELINI

Ó menina de biquini
tu me lembras uma deusa
desenhada por Belini.

Às vezes tenho ciúmes
por te saber contemplada
pelos olhos dos cardumes.

Quando passeias nas ondas
o delta do teu umbigo
são sete ilhas redondas.

O teu feitiço me alegra.
Tuas coxas são dois pedaços
de uma colunata grega.

Às vezes meus olhos trêfegos
vão colher as tuas vides
mas regressam com dois pêsegos.

És a nascente das fontes.
Vou tanger o meu rebanho
para a relva dos teus montes.

Fere-me com teu punhal.
Quero invadir o teu reino
pela porta de cristal.

Ó menina, vê se podes
me ofertar duzentos beijos
pelos versos de cem odes.

OLHOS DE ABSINTO

Como resistir à tua sedução
ó mulher de olhos de absinto
quanto te vejo passar, arrastando
as fímbrias douradas do dia?

Tua imagem se evapora no ar
mas teu corpo não me sai da memória.
Vão-se os dias e as noites.
Tua chama continua a arder dentro de mim.

Cada palavra que eu disser
seja o meu pensamento que te busca.
Tu, pássaro, alçarás o teu vôo
de albatroz rumo às alvoradas do amor.

NAVEGAÇÃO

Tu me lembras um navio
cheio de frascos de ópio
com suas lanternas acesas
no momento de ancorar.

Tu me lembras uma nau
que partisse para o mundo
com suas velas abertas
roçando o sangue do mar.

Tu me lembras uma angra
onde um navio ancorou
num entardecer de gaivotas
que não cessam de voar.

Tu me lembras uma barca
ancorada no luar
com teus olhos adivinhos
que só querem namorar.

O REI QUE AMAVA UMA PANTERA

Dizem que Minos
rei de Creta
traçava os destinos

do seu povo
no pergaminho
de uma casca de ovo.

Dizem que o rei
amava os cavalos
mais que os vassalos.

Dizem que Minos
fez de uma pantera
sua concubina.

Dizem que o monarca
amava a pantera numa
barca trazida de Esparta.

Dizem que, em certa era,
o rei enlouqueceu, sendo
comido pela pantera.

ODE AO SOL

Ó sol dos deuses olímpicos
me arrebatá para os vales
do amor, onde Eros passeia
em seus dourados cavalos.

Ó sol dos anjos aflitos
deus de cabelos de ouro.
Me aquece com os teus raios
de Eros, senão eu morro.

Sol de Virgílio e de Homero
ó deus de todos os bardos
dá-me a beber do teu hálito
trespassa-me com teus dardos.

Ó sol de fulvas pestanas
deus dos noivados etéreos
dá-me a beber desse vinho
feito das vides de Eros.

PÁLPEBRAS NOTÍVAGAS

Eu queria te amar de uma forma
simples e sem complicações:
como as abelhas amam as rosas
desabrochadas no peitoril das janelas.

Ó mulher de pálpebras notívagas.
Eu queria te amar como as marés
amam os velhos tombadilhos
dissolvidos pelo luar.

Eu queria te amar como
as feras amam à sombra dos rochedos.
Te amar de uma forma
cínica e definitiva.

Eu queria te amar publicamente
sem palavras e sem gestos
obscenos. Amar como as pedras
amam o mar que as dilacera.

Eu queria te amar de cada vez
como se não houvesse o tempo
nem os dias. Apenas o teu corpo
acorrentado à minha solidão.

RASCUNHO

Não vou escrever um poema difícil
para falar de amor.

O amor é simples como o vento
que derruba as folhas das árvores
e as penas dos pássaros.

Vou escrever um poema
com as velhas palavras da gramática.
Um poema que fale de rosas
de terra, de água, de fogo, de luas
boiando nas alamedas desertas.

Vou escrever um poema de barro
doce como o balir das ovelhas paridas.
Um poema sem formas redondas
sem musculatura e sem retórica.
Vou escrever um poema sem vértebras.

Vou escrever um poema de sândalo
para a nudez do meu amor.
Um poema sem forma e sem estilo
mas que fale dessa coisa essencial
que é a eterna fugacidade do amor.

CONJURAÇÃO

Guia os meus passos pelas trevas
da ausência. O tempo é como
um pássaro vigilante
pousado nos vértices da noite.

Guia os meus passos de sombra
para as alamedas do teu hálito.
O tempo é uma viagem infinita.
Estou sedento de fontes que secaram.

Guia os meus passos para as verdes
planícies dos teus bosques.
As vinhas do teu corpo estão brolhando
e é doce o vinho que jorra de teus ombros.

Guia os meus passos para a alba
dos aflitos. Os teus olhos são mananciais
de fogo onde os meus sonhos ardem.
Guia-me pela relva dos teus montes.

A RAIZ E A SEIVA

Agarra-te à vida
como às crinas de um cavalo
galopando nas trevas.

Corre à árvore do Éden.
Os pêssegos do êxtase
não caem do céu.

Cai e ergue-te cem vezes.
Todos os frutos são doces
ao paladar dos deuses.

A vida é essa barca
que ancora todos os dias
nos rios da Parca.

Agarra-te à vida
com todos os caules
e todas as raízes.

Enquanto dorme o vassalo
do rei Sardanapalo
passeia a morte a cavalo.

DISCURSO AO VENTO

Quantos são os presságios
na boca dos afogados?

Quantos são os centauros
que pastam teus olhos claros?

Quantos serão os remorsos
que os mortos levam nos bolsos?

Quantas serão as patacas
que vale o rúmen das vacas?

Quantos serão os caninos
que mordem nossos destinos?

Quantos serão os cavalos
do rei que enforca os vassalos?

Quanta injustiça precisa
para dar cabo da vida?

Quantas serão as comarcas
do arame dessas estacas?

Quantos serão os penachos
que seguirão nossos passos?

Quantos ~~seus~~ ^{seus} os devaneios
que arredondaram teus seios?

Qual o demônio sutil
que se move em teu quadril?

Quantas serão as potrancas
que invejam as tuas ancas?

Quantos antúrios vermelhos
investem contra os espelhos?

Quantos serão os espinhos
que adoçam os melhores vinhos?

Quantos convivas de preto
chamados para o banquete?

Quantas as alças de ferro
da barca que leva o enterro?

Quantos dos cachos das vides
para alegrar nossas vidas?

Quantas orquídeas das brancas
nas curvas de tuas ancas?

Quantas das fontes que sangras
correm nas veias das angras?

Quantas das fimbrias das vestes
falam dos nossos ancestres?

Quantos serão os mendigos
que acordam nesses postigos?

Quantas as conchas e os veios
que modelaram teus seios?

Quantas luas serão mortas
para a ceia das gaivotas?

Quando a coruja gargalha
costura a nossa mortalha?

Quantos os brindes dos galos
para as núpcias dos cavalos?

Quantas as curvas das léguas
para a lascívia das éguas?

Quantas as rosas de areia
para a tua última ceia?

ALQUEIRES DE NADA

Precisamos do sol
para brindar aos deuses
Precisamos do vento
para fustigar os cavalos.

Precisamos das palavras
para tecer a volta de Ulisses.
De espera e de solidão
para as noites de Penélope.

Precisamos da chuva
para a lavoura dos dias.
Da foice para ceifar
setenta alqueires de nada.

Precisamos da madrugada
para as núpcias dos galos.
Das alquimias do amor
para reinventar o mundo.

Precisamos do cântico
para celebrar o mito.
Das cordas do alaúde
para soletrar o adeus.

PARAÍSO PERDIDO

Quem nos contempla de longe
por detrás desses postigos?
Quem nos espreita através
da fogueira dos espelhos?

Quem nos fita da penumbra
do quarto que embala o parto?
Quem nos chama desse umbral
onde os anjos se embebedam?

Quem nos convida a entrar
nos labirintos de areia?
Quem nos roça quando passa
pela porta das centúrias?

Quem desse do seu dossel
para acender nossa lâmpada?
Quem nos chama pelo nome
para escutar nossa voz?

Quem nos fere com seu dardo
até que o sangue esvaído
seja a fonte que procura
seu paraíso perdido?

NAMORADOS

Vejo os namorados passarem
fora do raio das leis.
Trocam juras de amor
sussurram beijos talvez.

Enlaçados um ao outro
parecem cobras em cio.
O sangue lhes queima as almas
nas chamas do desvario.

Em nada pensam. São pássaros
em busca de algum oásis.
Bóiam nas ondas do amor
como se tivessem asas.

São deuses feitos de bronze
que passeiam distraídos?
Ou serão anjos expulsos
de paraísos perdidos?

Vejo-os passarem nas ruas
à hora amarga dos sinos.
Não vá a morte apagar
a chama desses meninos.

A SOMBRA E O RUMOR

Os mendigos sonharão à sombra dos pórticos
das igrejas, seduzidos pelo arrulho das pombas.
Mas não se ouvirá o rumor de tua sombra.

A noite chegará de repente com seu séquito
de murmúrios, igual a um mar de agitadas ondas.
Mas não se ouvirá o rumor de tua sombra.

Os sinos chamarão para o Ângelus, e os mortos
abrirão os olhos em suas moradas hediondas.
Mas não se ouvirá o rumor de tua sombra.

Os abutres levarão seus ninhos de raízes
e uma ceia de cobras para os deuses da montanha.
Mas não se ouvirá o rumor de tua sombra.

Os caules dos cedros serão feitos em pedaços
pela fúria do céu, num formidável estrondo.
Mas não se ouvirá o rumor de tua sombra.

As moças levarão para o banquete das núpcias
os seus hímens de linho tecidos pela insônia.
Mas não se ouvirá o rumor de tua sombra.

AS ORQUÍDIAS

Gostaria de morar
numa aldeia toda branca
cavalgada pelo sol
do olhar duma potranca.

Gostaria de morar
pertinho de um rio azul
onde as ovelhas pastassem
o rio de norte a sul.

Gostaria de morar
em meio às flores do mato
para ver o teu feitiço
tomar banho no regato.

Gostaria de morar
perto de alguma colina
de onde eu pudesse te ver
pastora da minha sina.

Gostaria de morar
na encruzilhada dos vícios
para sentir o perfume
das orquídias dos teus seios.

TERCEIRA
PARTE

HISTÓRIA ANTIGA

Dizem que conversava com seus bodes
como se fossem velhos companheiros
desses que enrolam as pontas dos bigodes.

Antes do sol, de seus primeiros raios,
abandonava a rede na varanda
para levar comida aos papagaios.

De pouca fala, ele escutava tudo.
A mão esquerda, toda calejada
só de alisar o peito cabeludo.

Rude como uma porta sem verniz.
Quando os ventos da ira lhe sopravam
pegavam fogo os pêlos do nariz.

De roupa azul, nas tardes de domingo,
ia provar de algum amor maduro
em meio às baforadas do cachimbo.

Era capaz de andar duzentas léguas
só para ver, com olhos de estupor,
o vôo dos garanhões cobrindo as éguas.

DISCURSO DA IRA

Certa vez fiz uma carta
mas eles não responderam.
Vão para o raio que os parta.

Venham de Roma ou de Esparta
os canalhas não dão trégua.
Vão para o raio que os parta.

Nem a boca da lagarta
é mais voraz na lavoura.
Vão para o raio que os parta.

Por mais que a plebe reparta
nada sobra da rapina.
Vão para o raio que os parta.

Reze ao Cristo ou a Sidarta
nada muda nessa trama.
Vão para o raio que os parta.

Sempre digo a dona Marta:
os canalhas vêm do povo.
Vão para o raio que os parta.

O DONO DA CANÇÃO

À memória de Caetano Ximenes de Aragão

Gostaria de escrever um poema ensolarado
para espalhar sobre a grama de tua
cova e as pálpebras do teu sono.

Gostaria de semear palavras e versos
sobre a tua mansarda de pedra
onde o silêncio jorra feito água.

Gostaria de dizer-te que nada mudou
que o rio das utopias continua a correr
para a sua foz de areia e solidão.

Gostaria de levar-te um ramo de coisas
que nascem das entranhas da terra
modeladas pela romaria dos homens.

Coisas miúdas, lascas de vento e sol
conchas e búzios do mar, pedaços
de rocha polidos pelo gume das marés.

Coisas guardadas nalgum canto do sótão
réstias de vagalumes, asas de borboletas
e mariposas que arderam sob a luz da candeia.

Coisas que os rios deixam esculpidas na areia
cascos de bois, fotografias de afogados
fragmentos de argila com perfil de mulher.

Quero levar-te o adeus do sineiro Abraão
o adeus dos sinos que dobravam pelos meninos
nessas tardes de vento e romaria azul.

Quero levar-te o balido das ovelhas
o mugido dos bois que pastam nas encostas
onde os arrois tocam as suas flautas.

Quero levar-te o adeus dos tangerinos
o rumor dos brolhos e dos violinos da chuva
a música sonolenta dos beirais.

Gostaria de levar-te uma taça repleta
de coisas, de reminiscências e adeuses
para ergueres um brinde à memória dos deuses.

BALADA DUM AMOR DE CORDEL

Te procurei sete vezes
nas miragens do meu sonho
não te achei na lua cheia
nem rastro de lobisomem.

Não te achei atrás da porta
nem na penumbra do quarto
não te achei na hora sexta
nem nas vertigens do parto.

Cavaleguei duzentos meses
te procurando nos rios
nos barcos que navegavam
nas entranhas dos navios.

Não te achei, minha potranca
nas relvas do meu delírio
nem no musgo das cisternas
nem nas fontes do suspiro.

Certas noites te adivinho
cercada de fogo e vento
ó princesa enluarada
de um navio a barlavento.

Daria duzentas éguas
e mais setenta cavalos
a quem me desse notícia
desses teus olhos avaros.

Às vezes penso que andas
a semear primaveras
ó pastora alucinada
de cabritos e panteras.

Às vezes sinto o teu hálito
de vinho que se derrama
na taça dos meus lençóis
nos quatro esteios da cama.

Te procuro nos espelhos
nos retratos da parede
sinto o teu cheiro de pêsego
na concha da minha rede.

Abro o Antigo Testamento
leio os provérbios e os salmos
minha tristeza é comprida
mede mais de oitenta palmos.

Ouço o rumor dos teus passos
pisando as teias do vento
ouço a chuva quando chora
pelo defunto ao relento.

Sete luas pervaguei
nas estradas do abandono
tive fome e senti sede
dos teus frutos e seus gomos.

Visitei as sete arcadas
da cidade de Sevilha
mas só pensava no aroma
dos ~~seus~~ teus seios de novilha.

Fui a Roma ver o papa
vi a Capela Sistina
mas só pensava nas curvas
do teu corpo de menina.

Só pensava no teu dorso
nas cambraias do teu colo
no teu jeito de potranca
cavalgada por Apolo.

Tomei porre de oito vinhos
fui à Praça de São Marcos
mas só pensava em teus olhos
sob as chamas de dois arcos.

Em que reino tu te escondes?
Que espelhos guardam teus gestos?
Que monarca te raptou
para o seu leito de incestos?

Se não te achar enlouqueço
vou ser monge na Chechênia
vendo o rebanho de ovelhas
e as estacas da fazenda.

Vendo o gado que não pasta
vendo a água que não jorra
vendo a cisterna de pedra
vendo a alma antes que eu morra.

Se não te achar no palácio
nem à sombra da mansarda
vou fugir pro fim do mundo
no alazão desta balada.

ODE A ASCENDINO LEITE

Na passagem de seus 80 anos

Sou o Esteves da tabacaria.
O que bebe vinho do Porto
nas tascas da Mouraria.

Tomo a candeia de azeite
ergo um brinde aos 80 anos
do poeta Ascendino Leite.

Eu vos conjuro, eu vos peço:
vamos beber vinho verde
ao rei da prosa e do verso.

Vamos ao Douro e ao Tejo
às guitarras e às varinas
que pescam o mito e o desejo.

Vamos a Trás-os-Montes
à Cascais, a Sintra e Alfama
e desvendar essa trama

das palavras do poeta
que fez do verso e da prosa
sua morada predileta.

Vamos a Ajuda e a Tomar
beber vinho em sua honra
e ver o tempo passar.

Vamos beber ao Rossio
a Viseu, a Estremadura
enquanto nos doura o estio.

Mondego não nos faz falta.
Jorra vinho cor de sangue
dos tonéis de Beira Alta.

Vamos ouvir as cantigas
e os fados que relampejam
nas bocas das raparigas.

Visitemos sem alarde
as cinzas que não se apagam
na tumba do excelso bardo.

Vamos à Torre do Anto
celebrar Mestre Ascendino
seu dom mais alto do canto.

POEMA DA MORTE VÁRIA

Ou se morre de estupor
ou se morre de amor
ou se morre de peste
ou se morre de besta
ou se morre de parto
ou se morre de infarto
ou se morre de fúria
ou se morre de poliúria
ou se morre diabético
ou por causa do médico
ou se morre de pasma
ou se morre de orgasmo
ou se morre de fama
ou se morre de fome
ou se morre da aorta
ou se morre da veia porta
ou se morre de trombo
ou por causa do tombo
ou se morre de orquite
ou por falta de apetite
ou se morre de edema
ou se morre de ténia
ou se morre de relapso
ou se morre de colapso
ou se morre de nada
ou se morre de tudo.

SE EU FOSSE A PARIS

Se eu fosse a Paris
não gostaria de ver a Torre Eiffel
nem as grandes avenidas nem os bulevares
nem os parques nem a Catedral de Notre Dame
nem o sangue que jorra dos gestos
e da alma dilacerada do Pensador de Rodin.

Se eu fosse a Paris
não compraria postais de Brigitte Bardot
não veria as águas do Sena trespassadas de luar
nem seu corpo de molusco invertebrado
nem os barcos que partem nem os barcos que voltam
com suas entranhas consteladas de murmúrios.

Se eu fosse a Paris
não visitaria Montmartre nem iria às Praças
da Concórdia, da República e da Ópera

nem aos cafés onde pintores, artistas e boêmios
desenharam utopias no mármore das mesas
entre espirais de fumaça e fagulhas de vinho.

Se eu fosse a Paris
correria ao Museu do Louvre para me embriagar
com o fulgor dos nus femininos de Renoir
roçar a alma no Moinho de la Galette
passar os olhos no retrato de Madame Charpentier
ou no mistério da Menina com a Gavela.

Como jamais irei a Paris
nas asas de um pássaro de aluguel
não ouvirei o Bolero de Ravel
nem verei o palácio de cristal da Imperatriz.
Mas isso não me torna menos infeliz.

NATAL FINISSECLAR

Indícios vagos
dos três Reis magos.
Já não se escuta
o som da água
que sai da gruta.
Água que jorra
da própria origem
até que inunde
o olhar da Virgem.
Não há notícia
da estrela egípcia.
Agora, o Anjo
é uma bisnaga
de dentifricio.

VARIAÇÕES SOBRE A MORTE

Quando o homem perde
o primeiro fio de cabelo
começa a dialogar com a morte.

A morte, ausência
de todas as sensações,
é a mais ostensiva das presenças.

Ninguém consegue fugir da morte
pela simples razão de que
somos hospedeiros dela.

A morte chega, apaga
a luz dos teus olhos e acende
os seus negros castiçais.

Algum dia te visitará
uma sombra de olhos de areia
e bruscamente cerrará tuas pálpebras.

Morte, ó ceifeira veloz.
Quantas são as espigas
que abastecem o teu celeiro?

BANQUETE

A morte é um pássaro veloz
que habita dentro de nós.

A morte às vezes passeia
com sua túnica de areia.

A morte é uma pantera
de pálpebras de cera.

A morte apaga a memória
menos o fogo do purgatório.

A morte de negro se veste
para ceifar a sua messe.

A morte, látigo dos pobres
celeiro de espigas podres.

A morte prepara o azeite
pras velas do seu banquete.

DIÁRIO DUM CATADOR DE LIXO

Sou tão franzino
sou tão raquítico
tão magro e torto
que às vezes penso
que nasci morto.

Sou tão precário
sou tão faminto
sou tão distante
que às vezes me vejo
mas não me sinto.

Sou tão esquivo
que até me escondo
no esquecimento
durmo entre os cães
acordo ao relento.

Não tenho presente
não tenho futuro
não tenho passado
passo pelo vento
sem ser notado.

TUDO VALE A PENA

Tudo vale a pena
se a alma não se aliena.
Tudo vale a pena
se o homem não vira hiena.
Tudo vale a pena
se o verbo se faz poema.
Tudo vale a pena
se a fome não é problema.
Tudo vale a pena
se a perna não tem gangrena.
Tudo vale a pena
se a morte fora de cena.
Tudo vale a pena
se o fisco não te depena.
Tudo vale a pena
menos o imposto de renda.

A INDESEJADA

Quando a morte chegar
ninguém te visitará.

A porta estará fechada
os ferrolhos nas janelas
o sol no mesmo lugar.

Calçarás os teus sapatos
vestirás a mesma túnica.
Os pássaros cantarão
nos galhos da árvore próxima
quando a morte chegar.

Quando a morte chegar
ninguém te dirá adeus.
Todos estarão dormindo
nos braços das namoradas
sob o orgasmo dos lençóis.

Quando a morte chegar
ninguém passará por perto.
Só as velas arderão
nos castiçais sonolentos
da eternidade veloz.

TUMBA DE ESPIGAS

Se encontrares um pobre
nas estradas da vida
devolve-lhe a esperança perdida.

Se encontrares um pobre
sem o seu diadema
dá-lhe as rosas do poema.

Se encontrares um pobre
com a insígnia de vassalo
empresta-lhe um cavalo.

Se encontrares um pobre
vestido de espantalho
dá-lhe um copo de orvalho.

Se encontrares um pobre
sem pão na cesta de vime
pune o autor desse crime.

Se encontrares um pobre
na lavoura dos ricos
chama por ele aos gritos.

Se encontrares um pobre
deus dos dias e das noites
dá-lhe um ramo de foices.

Se encontrares um pobre
levado pelas formigas
dá-lhe uma tumba de espigas.

POEMA FORA DE RÍTMO

Hoje sou um destino aos solavancos,
nau ancorada em Álvaro de Campos.

Passeio em mim, nas ruas do meu corpo.
Sou como um rei que foi achado morto.

Olho a paisagem e o sol. Tudo é lavoura
de um sentimento antigo que me doura.

As pessoas me olham com desdém
como se eu fosse algum Matusalém.

Certa moça de olhar enigmático
roça por mim o seu feitiço asiático.

Hoje não sei o dia nem a hora
em que perdi o barco que me ancora.

Não sei se andei vagando pelos rios
ou se esqueci minha alma nos navios.

Ouçó a chuva cair e não me sinto
capaz de dizer ao verso que não minto.

Bebo uma taça de vinho do Porto
mas não sei se estou vivo ou se estou morto.

Hoje lamento o não haver partido
para um país entre as névoas do olvido.

Não estaria agora nesta sala
fumando ópio a um deus que me ouve e cala.

ALPISTE

Passamos a vida inteira
dentro de uma gaiola
de cristal.
O tempo nos dilacera
com seu punhal.
Igual a um passarinho
que nunca viste
o poder nos assegura
algumas rações de alpiste.
Indiferente à esmola
o passarinho na gaiola
cada vez mais triste.

VACA NA PAISAGEM

Vi a vaca na paisagem
pastando a relva dos dias.
Era uma vaca escarlate
que pastava as próprias crias.

Vi a vaca ruminando
a nossa herança insalubre.
O que restou dos avós
virou prata no seu ubre.

Via a vaca iluminada
pelo látego do touro.
Seu lombo, que era de chumbo,
virou pataca de ouro.

Vi todo o sangue da vaca
escorrer das quatro mamas.
Como se fosse essa vaca
um deus cercado de chamas.

Vi a vaca levitando
nas ondas verdes dos pastos.
De vez em quando escrevia
o alfabeto de seus cascos.

Vi a vaca nos fitando
com os seus olhos lilases.
Tinha a leveza de um pássaro
como se tivesse asas.

Vi a vaca repicando
todos os sinos da alba.
O vento tocava adágios
nos pêlos de sua cauda.

Vi a vaca acorrentada
à memória de seu rúmen.
Da vaca só resta agora
seus mugidos no curtume.

BUROCRACIA

Homens de papel almaço
passeiam nos corredores
confraternizam com as traças.

Ainda estão sonolentos
mal se equilibram nas pernas
de suas almas burocráticas.

De vez em quando os seus olhos
passeiam nas redondezas
das bundas das datilógrafas.

Desejos inconfessáveis
feitos de coxas e orgasmos
de sussurros, de luxúria.

Memorandos rememoram
fugazes arquiteturas
de volúpias clandestinas.

Ó homens de idéias lógicas
escrevei um madrigal
às bundas das datilógrafas.

MORADA DE DEUS

Não será o vento
o adágio das marés?

Não serão as águas
o sangue das cinco chagas?

Não será o pássaro
a reminiscência do arauto?

Não será o fogo o ouro
que se perde no jogo?

Não será a chuva
o vértice da curva?

Não será a nádega
a onda que se alteia?

Não será o albatroz
o alazão dos avós?

Não será a dúvida
a morada de Deus?

PROVÉRBIOS CÍNICOS

- Melhor perder as ovelhas
do que perder as orelhas.
- Melhor perder a lanterna
do que perder uma perna.
- Melhor perder o incisivo
do que perder o juízo.
- Melhor perder a escritura
que perder a dentadura.
- Melhor perder a faiança
do que perder a esperança.
- Melhor perder os cavalos
do que perder os vassalos.
- Melhor perder tua cabra
do que sofrer de podagra.
- Melhor perder o cabrito
do que perder o apetite.
- Melhor perder a gravata
do que perder a mulata.
- Melhor perder o titio
do que perder o navio.

Melhor perder a boiada
do que perder a esmeralda.
Melhor perder o cinorro
do que perder o bezerro.
Melhor perder a cabeça
do que perder a condessa.
Melhor perder a estima
do que perder a propina.
Perder a caça à raposa
que perder aquela coisa.
Melhor perder a mulata
do que perder a mamata.
Melhor perder a belina
do que perder a bolina.
Melhor perder o decoro
do que perder o tesouro.
Melhor perder a pataca
do que perder a comarca.
Melhor perder o teu hímen
do que perder o teu homem.

ESCUDO

Se tudo acontece longe dos nossos olhos
se tudo germina na escuridão
se tudo é trama urdida pela máquina
se tudo é máquina manipulada pelo homem
se tudo é crueldade vigilante
se tudo é código para que não se cumpra
se tudo é realidade oblíqua
se tudo é segredo guardado a sete chaves
se tudo é rajada de vento e areia
se tudo é adubo para a horta da falácia
se tudo é santuário de ovações
se tudo é pretexto para o bote da serpente
se tudo é torto para o bobo da corte
se tudo é moeda de ouro falso
se tudo é carniça para o riso da hiena
só nos resta o escudo do sarcasmo.

DISCURSO DE UM CÉTICO

Sou como a árvore cujas raízes sugam
o sangue e a seiva da montanha.
Não me importa se o verso
é cimitarra de fogo ou devaneio.
Estou dentro do universo e tenho direito
ao sol e à sombra das árvores.
Os pássaros me saúdam quando passo
arrastando fragmentos de esqueletos
dos tempos do dilúvio. Os que me renegam
serão apunhalados pelo meu sarcasmo.

Os espelhos me ofertam sua nudez
com despudor. Amei sete moças e seus hímens
dilacerados. O vinho do amor é um
lêvedo amargo que adoça as entranhas
do corpo e da alma. Mas o amor nunca
se encontra onde estou: mergulhado
num pântano de laudas e de algarismos.
Edifiquei minha catedral de espantos
todas as manhãs imolo as pombas do mito.

O céu é uma distância azul feita de súplicas.
Os anjos são meus comparsas. Sósias
dos catadores de lixo e dos bêbados.
Sei que me embriago da poeira deste século
constelado de mentiras. Sei que me evaporo
em lágrimas e utopias. Que perdi
o endereço da infância e que os meus olhos
estão cheios de vozes paranóicas. Sei
que me levam para um país de areia
desenhado num mapa entre nódoas de sangue.

MESA DE BAR

Da mesa do bar vejo a vida passar
como um rio de águas revoltas
que vão desaguar na utopia ou no adeus.

Da mesa do bar vejo uma gaivota
cruzar velozmente os meridianos da luz
rumo a algum país sonhado pelos meninos.

Da mesa do bar vejo o enterro passar
com seus penachos negros ondulando ao vento.

O cortejo move-se vagorosamente
pelas ruas, consteladas de sorrisos e ovações.

A ninguém importa saber que ali vai
um corpo de homem ou de mulher
que teve sonhos e orgasmos, e que cumpriu
a sua missão na fugaz comédia da vida.

Da mesa do bar vejo o mito morrer
e outros mitos nascerem.
O bêbado de modos
insolentes que atravessa a avenida
esbarra de encontro aos automóveis
e desenha gestos obscenos para a multidão.
As moças de seios atrevidos e ancas
oscilantes. O padre com seu missal sob
as axilas, o médico de avental e o vendedor
de pipocas com sua carroça de brilhos inoxidáveis.

Da mesa do bar vejo as ondas do mar
no seu eterno vai-vem. O executivo apressado
com sua pasta repleta de projetos e infartos.
Da mesa do bar vejo a tarde sumir por detrás
dos anúncios e alegorias dos arranha-céus
e me sinto infeliz, como alguém que perdeu
a dentadura. Vejo o poema explodir numa profusão
de raios, como uma bomba de efeito retardado.

ELEGIA PARA OS QUE TÊM FOME

Não farei um poema
para celebrar os olhos
negros da amada
nem as suas pestanas
de ouro e volúpia.
Não farei versos
para cantar a espada
de areia dos heróis
nem para os crápulas
que engordam à custa
das tetas da pátria.
Não farei madrigais
à porta dos cínicos
nem para aqueles
que não sabem o que fazer
com a sua liberdade.
Não celebrarei os donos
do poder nem as suas
hortas de falácias.

Não cantarei os jardins
públicos, onde as estátuas
dialogam com o vento.
Não cantarei as núpcias
da aurora nem dos pardais.
Não cantarei os deuses
de cimento que roçam
as nuvens e as incendeiam.
Vou fazer uma elegia
para os que têm fome.

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE

ANJO GRISALHO	9
ALQUEIRES DE VENTO	10
ELEGIA PARA SÉRGIO CAMPOS	11
SONETO DA PURA SIMETRIA	25
PÓRTICO DE CINZAS	26
PONTO DE VISTA	36
NAVIOS AZUIS	37
JARDINEIRO	38
ONDE ESTEVE O ESTEVES?	40
GRANDEZA	42
GRAVURA NORDESTINA	44
ROSA DOS MINUTOS	47
CUPIM	48
LAGARTA	49
MUSEU	50
CORUJA	52
SERPENTE	53
ESPANTALHO	54
ÚLTIMA CEIA	56
OS QUE VÃO PARA O CAIS	57
MEMORIAL	58
ARANHA	59
ANJO	60
PAÍS DOS ANTÚRIOS	61
HERDEIROS DOS DEUSES	62
PETIÇÃO	63
COPO DE MORFINA	64
ESTEVES	65
PEDRA FILOSOFAL	66
DOIDA VARRIDA	67
POEMAS EM TOM MENOR	69
INVENTÁRIO	73
MORADA DA POESIA	74
DOIDA QUIMERA	76
POEMA DAS INDAGAÇÕES	78
VÃ FILOSOFIA	79

SEGUNDA PARTE

DESENHOS ERÓTICOS	83
SONETO DA ÉGUA MOURA	95
AS AMORAS	96
SÍLFIDE	97
RASCUNHO DE POEMA	98
DEUS DE CEDRO	99

RETRATO DE MULHER	100
FEITIÇO	101
ASAS DE EROS	102
DEUSA DE BELINI	103
OLHOS DE ABSINTO	105
NAVEGAÇÃO	106
O REI QUE AMAVA UMA PANTERA	107
ODE AO SOL	108
PÁLPEBRAS NOTÍVAGAS	109
RASCUNHO	110
CONJURAÇÃO	111
A RAIZ E A SEIVA	112
DISCURSO AO VENTO	113
ALQUEIRES DE NADA	117
PARAÍSO PERDIDO	118
NAMORADOS	119
A SOMBRA E O RUMOR	120
AS ORQUÍDIAS	122
TERCEIRA PARTE	
HISTÓRIA ANTIGA	125
DISCURSO DA IRA	126
O DONO DA CANÇÃO	127
BALADA DUM AMOR DE CORDEL	129
ODE A ASCENDINO LEITE	133
POEMA DA MORTE VÁRIA	135
SE EU FOSSE A PARIS	136
NATAL FINISSECLAR	138
VARIAÇÕES SOBRE A MORTE	139
BANQUETE	140
DIÁRIO DUM CATADOR DE LIXO	141
TUDO VALE A PENA	142
A INDESEJADA	143
TUMBA DE ESPIGAS	144
POEMA FORA DE RÍTMO	145
ALPISTE	147
VACA NA PAISAGEM	148
BUROCRACIA	150
MORADA DE DEUS	151
PROVÉRBIOS CÍNICOS	152
ESCUDO	154
DISCURSO DE UM CÉTICO	155
MESA DE BAR	157
ELEGIA PARA OS QUE TÊM FOME	159

